Aveiro, 19 de Fevereiro de 1966 * Ano XII * N.º 589

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO * ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS * REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

DIÁRIO TOPADO

TEXTO DE MÁRIO DA ROCHA

1 Talentos, discutem-se!
2 Jornalismo católico?
3 Brasil saúda Aveiro!

1 Foi nas *«asas»* do palco. Deixáramos, para trás, em outro grupo, o característico Relógio que, (diga-se, nesta nota que não pretende, aqui e agora, ser crítica, mas tão só esboço de apontamento semanal!), na «Casa de Bernardo de Alba», que o Aveirense se honrou apresentar na última sexta-feira, Relógio que foi tão artista que caiu em ilustrador. Uma boa encenação não consente que a cenografia seja uma tela arquitectada às dimensões da cena! Não esquecemos, porém, Appia e Craig. Não esquecemos o contributo revolucionário de Diaghilev, de Braque, de Matisse, de Dérain, de Picasso, e, mais tarde, de Utrillo, de Chirico, de Ronault, etc.!

Sem eles, onde estaria a cenografia *implícita* ou a *dinâmica?* Onde o *impressionismo*, o *teatralismo* ou o *expressionismo?*

Só pela chegada dos pintores, o Teatro espatifou com a tirania de telões, ilhargas, rompimentos, que todos... até faziam o espectador esquecer-se que, no Teatro, estava a ver... Teatro!

Foi nas *asas* do palco, entre duas bambolinas, com ciclorama na frente, que nos encontrámos com Avilez!

Conversa rápida, mas flagrante.

E porque em Teatro nada pode acontecer por acaso, Avilez mostrou-se-nos um dos casos mais sérios a exigir-nos estudo, no actual panorama! Ao seu ponderado arrojo inovador, só Luzia Martins, no Teatro Estúdio, vem opondo, vinda de Old Vic, um continuado trabalho sério e inovador.

Hoje, não duvidamos: Avilez é um homem de Teatro — é um *encenador*! Ele sabe, por experiência própria, a palavra, aliás também experimentada, de Jean Vilar: «nos últimos trinta anos, os verdadeiros teatrólogos foram os encenadores»!

E ei-lo a *ressuscitar* Gil

Continua na página 4

PROBLEMA ECONÓMICO

UM ARTIGO DE M. D.

PROBLEMA económico, ou de ordem económica, é todo aquele de que, de facto, não só a economia visível é função imediata, mas todo aquele em que ela pode estar em jogo, e tanto de ordem moral como material, pois ambos estes factos podem impô-lo, em potencialidade. Aliás, como em tudo, ainda aqui o moral e o material se completam, tanto podem fazer parte do mesmo todo, que é a equidade.

Atentas variadíssimas causas, a que não são estranhas, em especial, a higiene e a profilaxia gerais, a média da vida humana subiu, em pouco mais de três dezenas de anos, de uma maneiar tal, que o problema chamado da terceira idade (que se convencionou começar aos 70 anos), está causando apreensões, e começa a dar ocasião para estudo de mais um problema de ordem económica, problema que, anos atrás, era desconhecido.

Eis, por conseguinte, mais um, dentre tantos outros, que tem de ser submetido à apreciação dos economistas, se não, mesmo, dos ecónomos.

Em alguns países da Europa, nomeadamente a França, o número dos para lá dos 70 ultrapassou já os 17%, com tendência para subir de ano para ano, na razão directa do aumento da média da vida. Ora, se aos problemas da juventude cabe dar o esforço necessário e imediato que lhe compete, para solução adequada — no que só ganham os países e lucra a sociedade toda, não só porque ela será o sangue e os nervos de amanhã, como também porque tem de sair de lá o escol — o problema, a que podemos chamar inverso, ou seja o dos septuagenários de hoje e de amanhã, tem de ser metido na agenda do... a ponderar e a estudar.

A média geral da vida humana, que, ainda nos mea-

Continua na página 3

A Barra e a Ria de Aveiro

Considerações do Tenente Gonçalo Maria Pereira

OS ROBALOS

FALAR da pesca dos robalos na Barra e na Ria de Aveiro, entendo que não o posso fazer completamente sem evocar a saudosa memória de António Maria da Fonseca, mais conhecido por António Calisto, tão tràgicamente morto por afogamento, há cerca de dois anos, próximo da «Meia-Laranja», na Praia do Farol. Este pescador profissional — tido como o lobo dos robalos, na Barra — pertencia a um dos ramos de uma árvore genealógica de pescadores com raízes e tronco comum na Murtosa.

Já seus pais e avós, que conheci, mourejaram pela Barra no mister e, certamente, também, os antepassados destes. O António Calisto radicara-se em São Jacinto e por ali ficou, assim como quase todos os habitantes desta progressiva freguesia, que são de origem igual à sua. Ali contraiu matrimónio, e sua mulher deu-lhe numerosa prole; chamava-se ela Gracinda Caseiro e era tam-

Continua na página 2

ISTO DE JURAR

DEPOIMENTO DO ●●●

DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA

QUANDO uma testemunha vai depor, a Tribunal, a Lei exige que preste juramento. Então, a testemunha jura por Deus ou, se preferir, pela sua honra e pela sua consciência, que dirá toda a verdade e só a verdade.

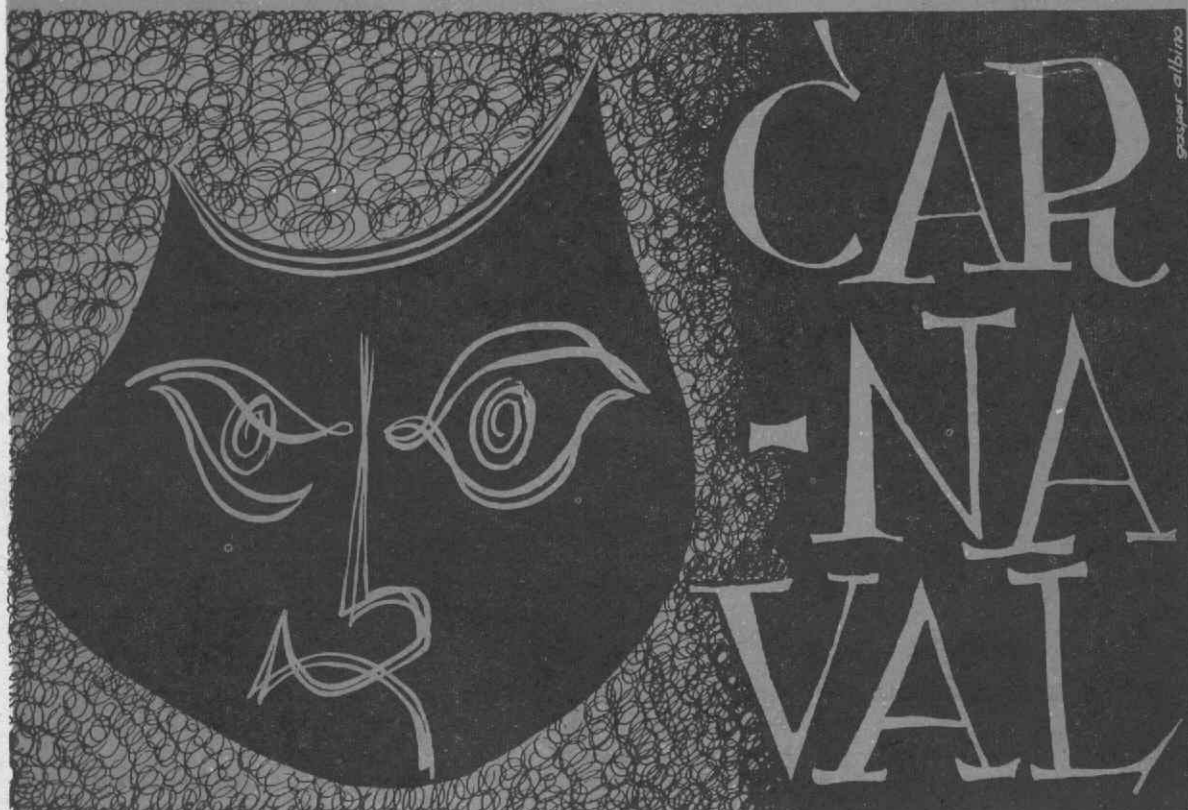
Às vezes, aplica-se o brocardo «quem mais jura mais mente»... E, nos Tribunais, a regra do anexim é mais frequente do que pode pensar-se.

Cá fora, o juramento é a forma baixa da asserção. Para quem o pede, é uma desconfiança no interlocutor; para quem o faz, um tropeço na inferioridade. Quem pede uma jura é porque não tem inteira confiança na pessoa com quem fala. Mas se alguém estiver disposto a mentir, também lhe não fará mossa jurar em vão.

Não vou jurar, por isto ou por aquilo, contar-vos, aqui, nesta crónica semanal, uma verdade indiscutível. A verdade, de resto, é subjectiva. O que, para um, é verdade, pode não o ser para outro. E isto vê-se em política, em religião, em filosofia, em tudo, na vida. Lato sensu, pode dizer-se que cada um tem a sua verdade. Pois bem: eu contarei a minha. E insusceptível de discussão. Quero dizer: não haverá polémica, mesmo que qualquer leitor escreva ao LITORAL, a vincar sua discordância ou a contestar o que afirmei. O LITORAL publicará, se quiser, mas não poderá contar-se com a minha resposta. Entender-se-á que uma discordância é coisa mínima e aplicar-se-á o velho anexim romano «de minimis non curat prætor»...

Assim, cada semana, virei depor sobre o que me parecer de interesse, dentro do pouco que sei, sem o propósito de trazer novidades, de fazer descobertas, de criar soluções imprevisíveis. Considero esta crónica semanal como um simples falar por falar. E não se exija mais de mim, porque também não aspiro a mais.

Certo que poderia não vos dizer nada disto e começar por escrever uma crónica qualquer. Mas quero definir posições, até porque mais vale prevenir, do que remediar.

NÃO vão os tempos propícios a folganças carnavalescas ou a gargalhadas sonoras. Aliás, a tradição entrudesca vai-se diluindo, entre nós, em cinzas que já começam a queimar-se nos prenúncios do Carnaval. Triste, ensimesmada, expectante é a própria máscara que Gaspar Albino nos dá abaixo em traço magnífico: os artistas lá sabem, mais do que nós, por intuição que é chama divinatória, como o Entrudo é, de comum, a mais verdadeira das farças — e, por isso, a mais amarga — na perene mentira da vida...

OS ROBALOS

Continuação da primeira página

bém de origem murtoseira, filha de outro grande pescador da Ria e da Barra, conhecido por «Ti Caseiro».

Quando, há cerca de trinta anos, comecei a andar pela Barra, no início das lides da pesca desportiva, fui ali encontrar o António Calisto. Já o conhecia, assim como a seu pai — o «tio» Joaquim Calisto — mas ainda não tinha com eles qualquer intimidade. Esta só veio à medida que íamos contactando, com as facilidades e favores que o António me ia dispensando. Transportava-me na sua bateira, fora das suas obrigações profissionais, para qualquer ponto da Barra e da Ria onde ele supusesse que eu iria fazer melhor pesca. A minha acção piscatória fazia-se, ora na sua bateira, ora no molhe Norte até perto de São Jacinto, ora, ainda, sobre o triângulo-dique divisor das águas nas enchentes das marés.

Fazia-me esse jeito a mim; fazia-o ao sr. Dr. Agostinho Fontes Pereira de Melo, ao tempo Juiz da Comarca de Aveiro e hoje Conselheiro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, que também era pescador-amador desportivo; fazia-o ao sr. Dr. Machás, sócio-gerente do Hotel Tivoli ,em Lisboa, e proprietário do Café-Restaurante da praia da Barra; enfim, fazia o favor de transportar para o dique ou para o molhe Norte a qualquer pescador-amador que lho pedisse, desde que estivesse disponível

Mas, a mim, fazia mais: era rara a vez que eu fosse à pesca que não pescasse; todavia, quando não pescava, se o António Calisto estivesse na Barra, eu nunca vinha para Aveiro sem caldeirada do melhor e do mais variado peixe que ele tinha: robalos, linguados, rodovalhos, solhas, etc.. E ele poucas finezas me devia para me dispensar tanta consideração e estima. Era um grande amigo!

O António Calisto não era um pescador vulgar, como muitos. Sabia do seu ofício e exercia-o, não só com o esforço físico — que de si já era violento — mas também com o da cabeça cheias de «tripas» que a Natureza lhe tinha dado. Conhecia, talvez como ninguém, a Ria e a Barra por baixo e por cima, principalmente desde a Mata de São Jacinto, da Cale da Vila e da Cambeia até à boca da Barra. Por todos esses pontos, mas muito especialmente dentro dos paredões e próximo do dique divisor das águas, ele conhecia de tal forma o movimento das areias em conjunção com as marés, que eu, às vezes, assistindo na sua bateira à colocação e levantamento dos aparelhos, até ficava admirado com o seu descernimento sobre tais fenómenos.

Nas considerações que tenho feito e publicado neste jornal sobre a Barra e a Ria de Aveiro, fui bastantemente influenciado pelas observações práticas que ele tinha de alguns fenómenos de correntes e marés.

É que o António Calisto sondava quase todos os dias os fundos naqueles sítios. O dever da profissão, que exercia com cabeça, obrigava-o a isso. Tinha de descobrir as partes mais fundas, em conjugação com o movimento das correntes e a amplitude das marés, e era nesses fundos, principalmente, que ele ia colocar os aparelhos, por saber que os robalos a eles afluíam com mais frequência. Isto do conhecimento dos fundos da Barra era uma das suas especialidades como pescador competente.

A outra especialidade do seu êxito na pesca — e que completava aquela — era a qualidade e a variação das iscas. Volta e meia, mudava de iscas. Dizia que o peixe era como a gente. Se andava com fome, agarrava-se à primeira isca que lhe aparecesse. Mas, se andava farto, escolhia a preferida. E era assim mesmo que ele pescava sempre, como tive ocasião de observar.

Tinha ocasiões em que, próximo do fim da vasante, até a água provava. Provava-a, mas não a bebia, evidentemente. Colhia-a da Ria com a mão, deitava-a à boca, bochechava-a, tomava-lhe o gosto e punha-a fora, dizendo:

— «Uma vez por outra, a água, ao aproximar-se o fim da vasante, traz uma cor tão fraca e tem um sabor tão desagradável, que o peixe foge dela para o mar como o diabo foge da Cruz...»

Por essa altura, já laboravam as fábricas do Amoníaco, de Estarreja, e da Celulose, de Cacia. Mal sabia ele — e eu também ainda o não supunha — que a água da Ria, mal vistosa, mal saborosa e afugentadora do peixe, era já adulterada pelas escorrências tóxicas daquelas fábricas.

E quando tal acontecia, embora nem sempre, o António Calisto dizia:

— «Com as águas assim, a pescaria hoje não deve ser boa».

Procedia, então, ao levantamento das linhas e pouco ou nada pescava, como ele já supunha, fosse qual fosse a isca empregada nos anzóis.

Aquele saudoso amigo também foi pescador do bacalhau na Terra Nova e tido nos das primeiras linhas. Fôra tripulante do navio «Maria da Glória», então pertencente à firma Belo & Morais. Estávamos em plena II Guerra Mundial e o Calisto deixou de ir ao bacalhau precisamente no ano em que aquele navio foi torpedeado por um submarino alemão naqueles mares gelados. Morreu a tripulação quase toda — quarenta e tantos homens. Sabida cá aquela triste notícia, e, falando dela alguns pescadores amadores com o Calisto, no paredão da Barra, ele exclamou:

— «Vejam se eu tinha ido este ano ao bacalhau! A estas horas estava aminha Gracinda com miudagem toda à sua volta a pedir-lhe pão e ela sem o ter para lhes matar a fome!»

Pobre amigo! Mal pensaria que o mar o havia de matar, não lá muito longe, nos mares do Norte, mas na própria Barra de Aveiro, que o havia ajudado a criar. É a sorte de um grande número de pescadores: o mar dar-lhes a vida, para os criar, e, depois, matá-los. Este pescador extraordinário também sabia fazer a sua caldeirada bem saborosa. Algumas vezes me convidou para o ajudar a comê-las, tanto em sua casa como no Paredão da Barra ou no dique divisor das águas das marés. Principalmente no dique-triângulo divisor das águas, eu e outros amigos comemos algumas vezes caldeiradas de bons e fresquinhos robalos que ele apanhava e sabia preparar muito bem.

GONÇALO MARIA PEREIRA

As Actividades da T. A. P. em 1965

São já conhecidos os números relativos à actividade da TAP no ano de 1965.

Assim o número total de passageiros transportados foi de 337 883 ou seja um aumento de 26,6 % em relação a 1964.

O número de quilómetros percorridos foi de 10 321 766 o que, em relação a 1964, representa um aumento de 26,2 %.

O número de passageiros/quilómetro transportados foi de 628 580 132 o que dá, em relação a 1964, um aumento de 27,8 %.

O número de toneladas/quilómetro transportadas foi de 65 656 490 representando, em comparação com 1964, um aumento de 29,2 %.

O número de horas de voo foi de 19 529, traduzindo-se num aumento de 25,6 % em relação a 1964.

Verifica-se assim que se mantém o ritmo crescente no desenvolvimento dos Serviços da Concessionária nacional de transporte aéreo, o que pode apreciar-se pela seguinte comparação relativa ao número de passageiros/quilómetro transportados.

No primeiro período de cinco anos esse tráfego representou, em 1958, 3,6 vezes o do tráfego de 1954; no fim de novo período de cinco anos o tráfego de 1963 representou 13 vezes o de 1954 e após um outro período de 2 anos, isto é em 1965, o tráfego de passageiros/quilómetro transportados representou cerca de 20 vezes o verificado em 1954.

Idêntico ritmo de crescimento se verificou quanto a toneladas/quilómetro transportadas.

Pode ainda citar-se que, em 1964, o mês em que se verificou maior movimento de aviões foi o de Agosto, com 480 movimentos e, quanto a passageiros, o maior número teve também lugar no mesmo mês com 29 715. Em 1965 o maior número de movimento de aviões verificou-se ainda em Agosto, com 586 e o maior número de passageiros teve lugar em Setembro, com 38 574, o que representa um movimento médio superior a 1 000 passageiros por dia.

É interessante, finalmente notar a parte relevante que o movimento dos serviços da TAP no Aeroporto de Lisboa representa em relação ao movimento total desse Aeroporto, em aviões comerciais.

Assim, verifica-se que em 1964 o movimento de aviões da Concessionária nacional foi de 4 792 e que, em 1965, esse número subiu para 5 882. Além de um aumento que se traduz numa percentagem de 22,7 %, os referidos números representam, em relação ao movimento total de aviões comerciais no Aeroporto de Lisboa, 27,5 % em 1964 e 30,9 % em relação a 1965.

Quanto a passageiros embarcados e desembarcados, a TAP transportou, em 1964, 260 259 e, em 1965, 334 401, o que representa um aumento de 28,4 % e, em relação ao movimento total de passageiros de aviões comerciais no Aeroporto, 38,6 % em 1964 e 40 % em 1965. Neste último ano os 60 % restantes distribuiram-se por cerca de 75 Companhias.

«A CASA DE BERNARDA ALBA» no AVEIRENSE

COMO estava anunciado, efectuou-se, no Teatro Aveirense, na sexta-feira da pretérita semana, 11 do corrente, o espectáculo promovido pelo Teatro Experimental de Cascais, com a representação da peça A Casa de Bernarda Alba, de Garcia Lorca.

O facto despertou justificada curiosidade entre os aveirenses apreciadores do bom teatro, já por se tratar de uma peça de grande tema e dum autor bem consagrado, e já porque no elenco figurava a presença de Mirita Casimiro, artista de indiscutíveis méritos, que reaparecia em palcos portugueses, após uma prolongada ausência, e a de outros nomes sobejamente conhecidos de profissionais de teatro, bastas vezes enquadrados em companhias portuguesas.

Antes, porém, de entrar a fundo na apreciação do conjunto, permito-me um breve preâmbulo sobre o que se apresenta como «Teatro experimental.»

A minha modesta compreensão não atinge o alcance de tal designativo: a ideia de experimental implica uma experiência sob qualquer título, que não consegui ainda ver onde ela esteja.

Experiência de novatos que se abalançam receosos a enfrentar o público? Seria o caso de amadores, mas aqui descabidos com a presença de tantos profissionais: Mirita Casimiro, Fernanda Coimbra, Constança Navarro, e possivelmente outras, cujos nomes já não me são familiares.

Experiência de novas peças à guisa de experimentar possíveis reacções do público? No caso presente não, pois se trata de uma peça arrancada ao pó dos arquivos, e foi coroa de glórias de consagrados artistas de há três ou quatro décadas.

Experiências, então, de quê? Confesso que não entendo... e vamos adiante.

O espectáculo agradou plenamente, e só há que dar louvores a todos os intervenientes, que se mostraram à altura das múltiplas exigências duma peça de complicada estrutura e cheia de dificuldades.

Afinação de conjunto, justeza de pormenores e, sobretudo, um equilíbrio perfeito em toda a representação. E está tudo dito, e nem haveria necessidade de salientar nomes, pois todos os intérpretes afinaram pelo mesmo diapasão de um equilíbrio justo e bem ordenado: boa movimentação de cena, intervenções oportunas, entoações apropriadas. No entanto, não seria justo nem correcto deixar de referir a interpretação acertada de D. Mirita Casimiro, a confirmar o valor de que em tempos deu sobejas provas, dando-nos uma Bernarda Alba imponente e dominadora, numa dicção perfeita, quiçá como o autor da peça a teria imaginado. Em plano superior também Fernanda Coimbra, Constança Navarro, na composição e interpretação das figuras tratadas, e merecendo especial atenção a nóvel Glicínia Quartin, que no difícil papel de Adela soube dar toda a vida e arrebatamento em nível elevado.

Mas, como atrás se diz, todas cumpriram o que delas a peça exigia.

Já fora, porém, das apreciações quanto à interpretação, em meu modesto entender há coisas que não se me afiguram muito certas.

Há, talvez, uma nota discordante no cenário que enquadrou a peça. De entrada, e em conjunto, aquele colorido bizarro deu-nos a sensação de se estar em presença de qualquer convento ou templo budista, da Tailândia ou do Tibet, propício à concentração dos bonzos do budismo!

Enfim: gostos não se discutem... e aceitam-se com o devido respeito.

Estaria, porém, à altura da índole da peça e da austeridade que caracteriza «A Casa de Bernarda Alba»?

Não quero intrometer-me em assuntos em que me confesso leigo ou néscio.

Mas já não vejo assim quanto às mutações emprestadas à cena. Presume-se, ou vê-se, que a acção da peça se desenrola no mesmo cenário, ou no mesmo salão da casa de Bernarda Alba. Ora, no 1.º acto, a parede do fundo, apresentava ao centro um enquadramento de traços, no que se podia imaginar uma porta de serviço oculto, ou mesmo um nicho (faltavam-lhe as imagens), ou até, um recanto de uma fonte (com a ausência das Canéforas!)...

Pois no segundo acto mudou-se esta parede, embora mantendo-se todo o restante da cena — o salão da casa de Bernarda Alba.

Melhor, ainda, no 3.º acto, em que desaparece a nova parede, e agora de vez, para surgir com cruzeiro, em fundo, com horizonte no infinito! Parece, porém, que o salão era o mesmo. Ainda se houvesse mudança total de cena, a desenvolver a acção em 3 salões diferentes, vá lá, que não se estranharia; mas assim... a minha percepção não atinge!...

Esta mudança, no 3.º acto, só se compreende na hipótese de uma derrocada da parede do fundo, deixando a descoberto um Cruzeiro que, possivelmente, já existia num largo fronteiro à casa!...

E não admira: Estava temporal nessa noite; ou seria consequência da revolta popular ocorrida na rua, no final do 2.º acto, quando o populacho, enfurecido, pretende matar a mãe desnaturada que estrangulou o filho recém-nascido. (Isto é da peça).

Aqui, estou como Pilatos: «Lavo daí as minhas mãos».

Outro senão, mas este muito a ponderar.

Quero referir-me ao preço um tanto elevado dos bilhetes, da mesma craveira, ou mais ainda, do das boas companhias organizadas que frequentemente nos visitam.

Tratando-se de «um Teatro Experimental», e subsidiado, de mais a mais, parece que a primeira, e a mais elementar das experiências, seria atrair o público, infelizmente há tanto arredio do teatro.

Atrair o mesmo público é que deveria ser a preocupação dominante; e não é com preços proibitivos que tal se consegue.

O público fugiu do Teatro, porquê? Horror aos modernismos? Desinterese por tantas bizarrias imcompreensíveis? Maus elencos? Más peças? e, sobretudo, preços só permitidos a grandes capitalistas?

Não sei, nem é esta a índole do arrazoado:

Que
«digam agora os sábios da escritura»
— tão formal,
«que segredos são estes da natura»
— teatral

JUDEX

Bases do Orçamento e Plano da Actividade da Câmara Municipal para 1966

Prosseguindo na transcrição dos diversos capítulos das «Bases do Orçamento e Plano de Actividade» da Câmara Municipal de Aveiro para o corrente ano, incluímos, hoje, as seguintes rubricas relativas ao

PLANO DE ACTIVIDADE

1 — Empréstimos

Estão ainda em curso, quanto a pagamento de juros e amortizações, elevados encargos referentes a empréstimos contraídos durante as anteriores administrações municipais, sendo da responsabilidade directa da Câmara, para o corrente ano, 1 768 839$20 e mais 747 451$80 a cargo dos Serviços Municipalizados, num total de 2 516 291$00.

Acresce que terá de ser feita a primeira amortização de 500 contos do empréstimo de 12 000 contos em curso, contraído em 1964, para as obras de remodelação urbanística do centro citadino.

Apesar disso, prevê-se ainda a necessidade de recorrer a outro empréstimo de grande vulto, no valor de 4 000 contos, que conforme se esclareceu nas «Bases do Orçamento», terá como finalidade permitir a aquisição de 400 hectares de terreno em S. Jacinto, a fim de se poder encarar a possibilidade de criar em tal área uma zona inteiramente destinada à Nova Praia de S. Jacinto, a urbanizar de molde a permitir o desenvolvimento duma parcela do território concelhio com requisitos ímpares e a poder dotá-la com adequado apetrechamento turístico, compatível com uma exploração a todos os títulos rentável.

2 — Pessoal

A este propósito, na base IV do Orçamento, já foi feita referência circunstanciada às previsões para o corrente ano, aludindo-se à sua justificação, pelo que não se fazem agora mais considerações a tal respeito.

3 — Secretaria e Tesouraria

Já se encontram instalados os serviços de Secretaria na ala poente do edifício municipal, remodelada para o fim em vista, permitindo uma maior eficiência quanto a condições de trabalho e relações com o público. Com a mesma finalidade se continua a apetrechar o mesmo sector com o mobiliário mais adequado.

A Tesouraria, como os outros serviços da Câmara, localizados na ala nascente, deverá sofrer a remodelação que mais se aconselhe, de molde a obedecer à mesma finalidade já conseguida para a Secretaria.

4 — Assistência

Além dos encargos resultantes do transporte e hospitalização dos doentes pobres do concelho, que porventura careçam de ser tratados em estabelecimentos de assistência hospitalar de outros centros, e ainda dos encargos que terá de assumir com aqueles que recorram ao Hospital Regional de Aveiro, de acordo com a recente legislação em vigor, a Câmara continuará a subsidiar, em 1966, as seguintes instituições de assistência: «Sopa dos Pobres», «Gota de Leite», Albergue Distrital, Cantinas Escolares, Assistência Nacional aos Tuberculosos, Colónia Balnear Infantil, Corporações dos Bombeiros Voluntários do Concelho, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Comissão Municipal de Assistência, «Florinhas do Vouga», Conferências de S. Vicente de Paulo, Liga de Profilaxia Social e Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Será considerada ainda a concretização de uma obra social complementar da «Sopa dos Pobres», e que visará essencialmente proporcionar aos funcionários da Câmara e trabalhadores, em condições mais acessíveis, refeições confeccionadas e servidas na «Cozinha Económica», a funcionar em anexo do actual edifício daquela instituição de assistência. Pretender-se-á, com esta iniciativa, dar expressão real a uma obra concebida a alguns anos atrás e que nunca chegou a ter expressão prática.

5 — Sanidade Pecuária

Como vem sendo usual, a Câmara continuará a proporcionar, de colaboração com a Intendência de Pecuária do Distrito, a realização conjunta do Concurso Pecuário, de ano para ano a evidenciar notáveis progressos neste sector de economia concelhia, servindo de estímulo ao fomento da criação de gado destinado à produção de carne e leite conforme notàvelmente se tem demonstrado.

Problema Económico

Continuação da primeira página

dos do século passado, não ia além dos 25 anos, passou, no começo do presente século, a ser de 45, para atingir, no presente, os 70 anos. E, se o problema merece, em todas as nações da Europa, pelo menos, um estudo profundo, nos de fraca densidade populacional, como são o nosso, a Espanha e a França, os dois primeiros na casa dos 90 e a França com 86, enquanto a Itália conta 167, a Alemanha 220, a Bélgica 302, a Holanda 350, etc., o mesmo problema já hoje não pode escapar à observação daqueles a quem compete resolver tais questões, visto que para isso os guindaram, ou se guindaram aos lugares cimeiros que ocupam.

Supôs-se, durante os últimos tempos, que era preciso mandar descansar aqueles que atingiram a meta dos 70 anos, isto porque se julgava que eles já não davam um rendimento compatível com aquilo que era mister.

O erro pode dizer-se que se generalizou; e, querendo saná-lo, cometeram-se dois erros, um de ordem material, outro de ordem moral. O de ordem material está em que os 70 anos deixaram de ser a meta final, quer se trate do físico, quer do intelectual. O de ordem moral está em se supor que descansar significa nada fazer, o que é erro palmar, pois há muito se sabe que, para bem descansar, é preciso substituir um trabalho por outro, que a ociosidade é a antecâmara da morte e a porta aberta a todos os vícios.

«Lugar aos novos», aventava-se, ainda não há muito tempo. Mas... de que diabo poderia servir o trabalho dos novos, sem a experiência dos velhos?! E, se estes podem, ainda, produzir pelo menos metade daquilo que comem, por que obrigá-los a viver de uma ficção de seguro de vida que é, regra geral, a reforma, que, além de sobrecarregar uma conta que aumenta a olhos vistos, é, tantas vezes, uma miséria chorada à porta da inutilidade?

E assim, sem grandes raciocínios, chegamos à conclusão de que não interessa a ninguém tal estado de coisas, visto que todos perdem, e ninguém lucra. Os orçamentos dos países em que os reformados aumentam sobem, por virtude das reformas, quase verticalmente e é preciso cobri-los com receitas criadas ou a criar. Os reformados, por sua vez, vão para uma ociosidade que nem aproveita aos mesmos, porque lhes é prejudicial, sob todos os pontos de vista, e nem à comunidade, que tem de produzir, pelo menos em parte, para eles.

Reformar os doentes, os incapazes, os inúteis, aqueles cujo trabalho, em vez de lucrativo, passou a ser prejudicial, estamos de acordo. Mas pôr à margem, com muitas agravantes por sinal, aqueles que, até, não raro, fazem falta, já pela especialidade do seu trabalho, já pela capacidade directiva e orientadora que imprimem àqueles que, durante anos, estiveram sob a sua direcção e aprendizagem, lá me parece um desacerto e uma falta de visão que se não compadece seja com o que for de bom-senso, isto que na economia geral, quer, mesmo, no campo da particular, dado que esta é a base daquela, no seu conjunto.

Isto posto, supomos que é mais que tempo de ponderar um assunto que, seja qual for o lado por que o tomemos, é, ao mesmo tempo, humano e económico, porque nem estamos em tempo de dispensar valores, nem de desperdiçar trabalho, mas de fazer economia, em vez de a desfazer. E, assim, há que integrar a última idade na economia nacional e geral, mormente numa época em que todos são poucos — especialmente nos países de fraca densidade populacional — para levar a cabo toda a espécie de trabalhos de que os povos moder-nos necessitam, para o seu desenvolvimento e governo.

E nem nos parece que isso seja assim uma obra de tal vulto, este estudo que estamos preconizando, que não meta medo a quem quer que seja, a não ser, está bem de ver, àqueles que esperam pela «passagem à peluda» para gozar do *farnientismo* a que sempre se dedicaram, nas sua horas de ócio, que foram quase todas aquelas em que fingiram que trabalharam... ou para inglês ver, o que é o mesmo!...

M. D.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MODERNA
Domingo	ALA
2.ª feira	M. CALADO
3.ª feira	AVENIDA
4.ª feira	SAÚDE
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	NETO

A CIDADE

Pela Câmara Municipal

● A Câmara deliberou aplaudir e apoiar inteiramente a realização do Congresso dos Bombeiros Portugueses, nesta cidade, em 1968.

● A obra de «Pavimentação da Estrada Nova do Canal» vai ser incluída num futuro Plano de Melhoramentos Urbanos, com a comparticipação do Estado de 237 328$00.

● Foi fixado o dia 17 de Abril próximo para a realização do Concurso Pecuário.

● Foi elaborado e aprovado um estudo de ornamentação e iluminação, da fachada principal da Feira de Março.

● Foi exarado, na acta da reunião da Câmara, um voto de felicitações pela passagem do 84.º aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro e um voto de pesar pelo desastre ocorrido com uma viatura daquela mesma Corporação, quando tarnsportava bombeiros, originando ferimentos graves nos seus ocupantes, além de estragos materiais.

● Foram aprovados, em reunião da Câmara, os arrranjos parcelares urbanísticos da zona envolvente da Capela da Senhora das Febres, da zona das Barrocas e da zona compreendida entre a Rua do Cabouco, Avenida de Artur Ravara e Rua de Magalhães Serrão.

● Foram estabelecidas as condições da venda de lotes na Avenida de Portugal e Avenida de Salazar, que terá lugar brevemente, sendo afixadas as bases de licitação da venda em hasta pública, por metro quadrado, em 600$00 e 420$00, respectivamente.

● Foi autorizada após várias diligências, a construção do Matadouro de Aveiro, depois de resolvidas as dificuldades que vinham a obstar à concretização de tão necessário quão útil melhoramento concelhio.

Procissão das Cinzas

Realiza-se na próxima quarta-feira, dia 23, a tradicional Procissão das Cinzas que marca na nossa cidade o começo do período quaresmal.

De manhã, na igreja de Santo António, haverá Missa e imposição das cinzas às 7.30 horas. A procissão com os andores sairá às 14 horas, percorrendo o seguinte itinerário:

Ruas de Castro Matoso, de Eça de Queirós, dos Combatentes da Grande Guerra e de Coimbra; Ponte-praça; Rua de Viana do Castelo; Avenida do Dr. Lourenço Peixinho; ruas de Agostinho Pinheiro, de Fernão de Oliveira e de Manuel Firmino; Largo da Apresentação; Rua do Sargento Clemente Morais; Praça do Peixe; ruas de Trindade Coelho e de João Mendonça; Ponte-praça; ruas do Clube dos Galitos, de José Rabumba e de Homem Cristo Filho; e Avenida de Araújo e Silva.

A procissão será abrilhantada com a presença da «Schola Cantorum» dos alunos do Noviciado dos Padres do Sagrado Coração de Jesus e com a Banda do Asilo.

Pela Capitania

Movimento marítimo

● Em 3, procedente de Bilbau, demandou a barra o navio holandês «CORRIE BROERE»; e saiu, para Bordeus, o navio panamiano «CAPITÃO ABREU».

● Em 4, com destino a Antuérpia, saiu a barra o navio holandês «CORRIE BROERE».

● Em 5, vindo de Lisboa, demandou a barra o navio português «SACOR», que saiu no dia seguinte, voltando a Aveiro em 8 e saindo em 9.

DIÁRIO TOPADO

Continuação da primeira página

Vicente, em três autos, e a velha Esopaida!

E ei-lo que agora distorceu a monolítica Bernarda de Alba... Mago do *subtexto* à procura dum espectáculo total, é de discussão o seu Teatro.

Pois que continue «discutido», já que só se discutem talentos — por nem tudo ser talentoso!...

2 Jornalismo católico, adjectivo de árcades?

Francamente, isto de ainda agora, e, para mais, sobre o joelho, se vir escrever sobre temas mais do que escritos, cheira a jogo de xadrez ou a palavras cruzadas de adolescentes ocientos.

E mais: depois de Julien Benda, de Georges Bernanos e de François Mauriac (para não citar mais! — ou acaso será preciso?...) o agitar o problema de jornalista católico (ou católico jornalista?!...) cheira a «carpette» que, pela manhã, se põe à varanda da casa — a sacudir o pó do quarto ou a expor que o lar está mobilado?...

O problema existiu e existe! Mas evolucionou! Só muda de ideias quem tem ideias!

Ora para já, ao abordá-lo, urgia distinguir níveis de estrutura da actividade intelectual. Porque o problema não é o mesmo para um romancista ou para o jornalista. Como o mesmo, de modo algum, jamais poderá ser o problema, se porventura se tratar de filosofia cristã ou civilização cristã!

Por hoje, queremos, (apropositadamente), lembrar que o último congresso mundial da Imprensa Católica, recentemente realizado em Nova Iorque, tomou a posição de que um jornalista católico é apenas um católico que faz jornalismo!...

Pura redundância? Mas que jornalismo não teríamos *nós* se víssemos o católico, por tal razão, constituir-se, como jornalista, num profissional que, se procura a novidade, jamais pode perder a lealdade e a axactidão integrais?!

Ora «isto» de se fazer dum jornalista católico um «*adido de imprensa*» dum estado confessional, é uma contrafacção em que se abastarda o jornalismo na sua específica natureza literária e em que a catolicidade de *direito* renegaria, ela própria, a catolicidade de *facto*!

Bonito absurdo, mesmo que ele não tocasse na catolicidade *formal*!

Jornalistas católicos, aqui e agora, gritados em «voz de cabeça» (como se diria em abecdário teatral duma Arte de Dizer!...) levam-nos a rematar:

Santo que precisa de andor para sair ao adro ou que grita por procissão para andar na rua, jamais chegará a nicho de altar?!...

3 BRASIL saúda PORTUGAL

Aveiro vai ver *Pop*! E tendo mais *força*, pelo menos, do que aquele por nós, mais que uma vez, visto em Lisboa, da autoria de Velez, por exemplo, na S.N.B.A.!

Demorámo-nos a vê-lo! E sobre ele, algo nos deixámos ficar cavaqueando. O seu nome, aliás, já nos ficara de outra exposição. Ficou-nos sua rubrica, porém, mais do que a sua obra! Agora ficava-nos uma e outra...

Pois foi então que nos rebentaram com a notícia: o jovem artista de vida académica, Sérgio Loff, de seu nome, era de Aveiro.

★

Mas, a «notícia», naquela tarde de sol primaveril em Coimbra, iria mais longe. Mestre Waldemar da Costa, que de Lisboa quis ter a gentileza de nos convidar a estarmos em 5 do corrente no Museu Machado de Castro, houve por bem querer-nos consigo e sua Esposa num fim de semana, que foi uma lição de cultura e humanidade.

Em Mestre Waldemar da Costa, conhecíamos já nós o artista cosmopolita que em 1939 se apresentara, simultâneamente, pela primeira vez, em Paris, em Lisboa e no Rio!

Agora, mais do que o artista e mestre, ficámos conhecendo melhor o Homem. Um homem que não ri, mas sorri, sorri sempre, e sabe fazer rir! É que nele, o sorriso não é luz na face; é a alma aberta a luzir! Nele, quem sorri não é o rosto; quem sorri nele é a vida toda num palmo de carne!

De Lisboa a Coimbra, de Coimbra a Aveiro, Mestre Waldemar da Costa veio... E veio até à nossa cidade por amor à sua luz e à sua cor. Mas veio a Aveiro, sobretudo, por amor à Arte, cumprindo uma promessa, que nos fizera aquando organizámos, por patrocínio do Sr. Governador Civil, Salão Aveiro I; ele, cuja Arte a Europa conhece, e que em Portugal, só Lisboa, costuma ver (Senphor, sim «senhor», Senphor consagrou-o já num dos seus «Dictionaires» ele não quer ir-se embora sem vir a Aveiro! Mas ele sabe que a nossa cidade tem uma galeria! E só nela, e por ela, ele se quer entre nós apresentar! Vejam quantos!...

MÁRIO DA ROCHA

Cais Comercial do Porto de Aveiro

A Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos foi autorizada a dispender, no corrente ano, a importância de 4000 contos (ou o que se apurar como saldo do contrato original) para execução da empreitada de construção de um troço do cais comercial do Porto de Aveiro e do seu adicional, para ampliação em mais sessenta metros.

Conselho Geral da «Ordem dos Médicos»

Em representação dos médicos de todo o Distrito, toma parte na reunião do Conselho Geral da «Ordem dos Médicos», que hoje se realiza em Lisboa, o sr. Dr. Adérito Madeira, ilustre clínico nesta cidade.

Exposição Industrial

Os srs. Governador Civil e Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. Manuel Louzada e Dr. Artur Alves Moreira, reuniram-se, há dias, com os industriais do Concelho de Aveiro, estudando em conjunto a participação do nosso Concelho na Exposição Industrial que se vai realizar no ano corrente.

Conselho Municipal

Reuniu na passada terça-feira, 15 do corrente, sob presidência do sr. Dr. Artur Alves Moreira, o Conselho Municipal. Na ordem de trabalhos constava a discussão do relatório da gerência de 1965 e a apreciação de diversas deliberações camarárias.

Concurso para Escriturários de 2.ª Classe da P. S. P.

Encontra-se aberto concurso de provas públicas para provimento de lugares de escriturário de 2.ª classe da P. S. P., durante o prazo de 30 dias, a contar de 10 do mês em curso.

Na Secretaria do Comando da P. S. P. desta cidade prestam-se aos interessados todos os esclarecimentos.

I Congresso Nacional de Filatelia

Na passada quarta-feira, pelas 21.30 horas, efectuou-se, na Sede do Clube dos Galitos, uma Conferência de Imprensa promovida pela Comissão Executiva do «I Congresso Nacional de Filatelia», que se realiza de 12 a 15 de Maio próximo em Aveiro e está a despertar enorme interesse em todo o País.

Aquela importante reunião — de que falaremos mais de espaço na próxima semana — destinava-se a dar a conhecer os ante-programas oficial e social do Congresso.

Novo Notário

Tomou recentemente posse o novo Notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, sr. Dr. João Luís Pereira e Veiga.

Presidiu à cerimónia o sr. Dr. Silvino Alberto Vila-Nova, Juiz de Direito do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, sendo o respectivo auto sido lido pelo sr. Armando Cancela de Amorim, Chefe da Secretaria Judicial.

Usou da palavra o Chefe da Secretaria Notarial, sr. Dr. Joaquim Tavares da Silveira, saudando o empossado.

Bombeiros Velhos

★ Continuam a afluir espontâneas dádivas tendentes a minorar os efeitos desastrosos ocasionados pelo acidente do auto-pronto-socorro de nevoeiro da benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários.

Em aditamento ao que pudemos já informar na semana transacta, temos o prazer de registar mais os seguintes apreciáveis donativos: das *Fábricas Aleluia*, 5 contos; da *Sociedade Central de Combustíveis de Aveiro, L.da*, 2 contos; de *João da Costa Belo*, 1 conto; de *Manuel Rodrigues Santos Silva*, 500$00; e idêntica quantia de *um anónimo;* e da *Companhia de Seguros Portugal Previdente* (segunda vez), 250$00.

★ No dia 11 do corrente, à noite, a Direcção e o Comando dos *Bombeiros Velhos* foram agradecer os prestantes serviços dos membros do Corpo Activo da sua congénere da Vera-Cruz.

O ilustre Presidente da Direcção da Associação Humanitária, sr. Capitão Firmino da Silva enalteceu a prontidão, eficiência e generosidade dos *Bombeiros Novos* que socorreram os seus companheiros sinistrados e tudo fizeram para assegurar a imediata regularização do trânsito no local do sinistro, além das provas de camaradagem patenteadas em tão grave emergência.

O Presidente da Direcção dos *Bombeiros Novos* disse, em resposta, aceitar gratamente a deferência como incentivo ao cumprimento dos deveres de quem voluntàriamente se votou aos interesses do semelhante.

Polícia de Viação e Trânsito

O posto de Aveiro da Polícia de Viação e Trânsito ficou a dispor agora de um moderno aparelho de recepção e comunicação — melhoramento que muito beneficia o público em geral, dado que permite uma mais rápida e eficiente actuação dos agentes da P. V. T., designadamente em casos de furtos de automóveis (que ùltimamente se têm notado em elevado número nesta cidade) e na descoberta de causadores de acidentes que se ponham em fuga.

Paróquia da Vera-Cruz

«Quarenta Horas»

Promovida pela Irmandade do Senhor do Bendito, realiza-se nos dias do Carnaval a solenidade das «Quarenta Horas», na igreja paroquial, com o seguinte programa:

Dia 20, domingo — Missa solene, procissão e exposição do Santíssimo Sacramento, às 12 horas; Sermão e benção, às 17 horas.

Dia 21, segunda-feira — Exposição do Santíssimo, às 15 horas; Sermão e benção, às 17 horas.

Dia 22, Terça-feira — Exposição do Santíssimo, às 15 horas; Missa solene, e sermão, às 18 horas. O Santíssimo Sacramento ficará exposto até às 23.30 horas, havendo, então, procissão e benção; e pelas 24 horas, benção e imposição das cinzas e Missa.

Será prègador o Rev.º Padre Paulino Morais Gomes, professor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa.

V Peregrinação Paroquial a Fátima

Está marcada para o dia 22 de Maio próximo a já tradicional peregrinação da paróquia ao Santuário de Fátima, encontrando-se abertas as inscrições no Secretariado Paroquial — onde os interessados podem obter mais esclarecimentos.

Baile do Beira-Mar

Em organização da operosa Tertúlia Beiramarense, realiza-se na segunda-feira, com início às 21.30 horas, no Teatro Aveirense, o costumado *Baile de Carnaval* dedicado aos sócios do Sport Clube Beira-Mar e suas famílias.

Como no ano findo, não haverá convites especiais, fazendo-se o ingresso na festa mediante a apresentação dos cartões de sócios.

Associação Jurídica de Aveiro

No último sábado, pelas 21 horas, no salão nobre do Grémio do Comércio, procedeu-se à eleição, para o triénio de 1966-1968, dos corpos directivos da recém-criada Associação Jurídica de Aveiro.

A reunião realizou-se sob a presidência do sr. Desembargador Jayme Dagoberto de Mello Freitas.

Foram eleitos:

Para a Assembleia Geral

Presidente — Desembargador Dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas; *1.º Secretário* — Corregedor Dr. João Dias Ferreira do Vale; *2.º Secretário* — Mons. Aníbal de Oliveira Marques Ramos.

Para a Direcção

Presidente — Dr. António de Pinho; *Vice-Presidente* — Dr. Manuel Fernando Pereira de Oliveira; *Secretário* — Dr. Joaquim Tavares da Silveira; *Tesoureiro* — Dr. Armando Lúcio Vidal; *Vogais* — Dr. Miguel Joaquim Maria Varela Rodrigues e Dr. Fernando Rui Nunes da Costa Corte Real e Amaral.

Para o Conselho Fiscal

Presidente — Dr. Ianquel Silbarcant Milhano; *Relator* — Manuel Salomé; *Vogal* — Armando Cancela de Amorim.

No decurso da reunião, usaram da palavra os srs.: Presidente da Mesa; Dr. Armando Lúcio Vidal, Juiz-Ajudante do Círculo; e Dr. Fernando de Oliveira, Delegado em Aveiro da ordem dos Advogados.

O Major Vaz Duarte *foi vítima de um acidente*

Quando atravessava a faixa de rodagem ascendente, junto do Cine-Teatro, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, foi colhido por um automóvel o nosso estimado colaborador Major Avelino Tavares Vaz Duarte, presentemente a prestar serviço na guarnição militar de Aveiro.

O acidente verificou-se cerca das 20 horas da penúltima sexta-feira. E logo correu pela cidade que o desastre fora de gravíssimas consequências, o que, felizmente, se não verificou.

Conduzido logo ao Hospital da Misericórdia, onde ainda se encontra internado, foram-lhe diagnosticados vários traumatismos e lesões, a que a sua forte compleição física tem resistido por forma deveras animadora.

Aqui estamos a lastimar a ocorrência e a desejar ao Major Vaz Duarte pronto e completo restabelecimento.

Faleceu

MAJOR DR. ANTÓNIO LEBRE

No dia 11 do corrente, faleceu, no Hospital de Santa Joana, o sr. Major Dr. António Tavares Lebre.

O saudoso extinto, que era solteiro, contava 83 anos de idade.

Grande benemérito da freguesia de Aradas, em cujo lugar de Verdemilho possuía o magnífico solar e quinta de Nossa Senhora das Dores, onde instalou uma sala-museu evocativa de Eça de Queirós, o sr. Major Dr. António Lebre era, para além de distintíssimo médico-veterinário militar, apaixonado cultor das Letras.

No referido lugar, vizinho de Aveiro, promoveu as comemorações centenárias do famoso autor de «A Cidade e as Serras», de quem era fervoroso admirador, e publicou, em 1962, o livro «Eça em Verdemilho e a Sua Vida».

Em Angola, onde permaneceu largos anos, desempenhou elevadas funções, entre elas a de Director dos Serviços de Pecuária e Indústria Animal da Estação Zootécnica de Humpata; naquela Província Ultramarina, tanto como na Metrópole, escreveu importantes trabalhos da sua especialidade, que lhe granjearam numerosos prémios e louvores.

Em vários pontos do País, proferiu conferências sobre temas veterinários e literários.

Por suas virtudes e merecimentos, o sr. Dr. António Tavares Lebre contava por amigos e admiradores quantos o conheciam.

Após missa de corpo-presente na capela do solar, o funeral saiu, com grande acompanhamento, para o cemitério do Outeirinho, no dia imediato ao da morte do ilustre extinto.

Era irmão das sr.as D. Regina Tavares de Almeida Lebre e D. Camila Tavares Lebre de Azevedo Canelas; cunhado das sr.as D. Maria Genoveva Frias de Noronha Lebre, D. Maria Fernandes Tavares, D. Lídia Souto Domingues Lebre e D. Zulmira de Jesus Ribeiro Lebre; e tio das sr.as D. Regina Maria de Melo e Castro Lebre Lopo de Carvalho, D. Maria Adelaide de Magalhães Mexia Tavares Lebre, Dr.ª D. Maria Regina Fernandes Tavares Lebre, D. Maria Helena Tavares Lebre de Azevedo Gamelas, D. Maria Georgina Piedade Gomes Guerra Lebre, D. Rosa de Jesus Lebre, D. Maria José Simões Godinho Lebre, D. Maria Elisete Espinho Seisdedos Tavares Lebre e D. Maria Filomena de Meneses Lebre, e dos srs. Eng.º Manuel Lopo de Carvalho, Eng.º José de Melo e Castro Lebre, Eng.º Joaquim Dias Duarte, Dr. Leovelgildo dos Santos Albuquerque, Fernando da Silva Tavares Lebre Eng.º Basílio Tavares de Noronha Lebre, Dr. Carlos José Tavares Frias de Noronha Lebre, Fernando Tavares de Noronha Lebre e Carlos Amadeu Fernandes Tavares Lebre.

À família em luto, os pêsames do Litoral.

FAZEM ANOS:

Hoje, 19 — Os srs. Alfredo de Jesus Moreira e Armando Ferreira dos Santos; as meninas Maria de Lourdes Fortes Serrano, filha do sr. José da Naia Fortes, e Lúcia Maria Arroja Rodrigues Teto, filha do sr. Armindo Teto; e o menino Jaime Agostinho Candeias Vieira Valentim, filho do sr. Capitão Jaime Vieira Valentim.

Amanhã, 20 — A sr.ª D. Rosalina Rosa da Graça Pinheiro, esposa do sr. Silvio Pinheiro Palpista; os srs. José de Albuquerque Coelho Fortes, Rui Sousa Torres Villas, Vitor Jesus de Azevedo Couto, Hermenegildo Duarte, Manuel Ferreira Canelas, Manuel Abílio Faneco Marques e Elias Abranches de Lemos, ausente em África; a menina Maria Helena Raposeiro Henriques dos Santos, filha do sr. José Henriques dos Santos; e os meninos Emanuel Moreira da Cunha, filho do sr. António Joaquim da Cunha, e João Manuel, filho do sr. João Senhorinho Vitor.

Em 21 — As sr.as D. Minalda da Rocha Oliveira, esposa do sr. José Portugal, e D. Maria da Silva Martins de Carvalho, esposa do sr. José Miguel Pires de Carvalho; os srs. Silvério Joaquim Madail, António Pimentel Monteiro e Carlos Alberto Alves Simaria; e a menina Elvira Duarte Nunes de Oliveira, filha do sr. Maurício Andrade Nunes de Oliveira.

Em 22 — A sr.ª D. Maria de Lourdes Marçal de Matos Leiria, esposa do sr. Dr. Luís Joaquim de Matos Leiria; os srs. Doutor Manuel dos Reis, Prof. Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, e Dr. José da Cruz Neto; a menina Maria Lucília, filha do sr. José Portugal; e o menino José Manuel da Rocha Gonçalves, filho do sr. Joaquim Gonçalves.

Em 23 — Os srs. Aurélio Correia Rito e Manuel Gonçalves Caçola; e a menina Maria Teresa da Rocha Pereira Campos, filha do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior.

Em 24 — Os srs. José Agostinho da Costa Portugal, Artur José Lopes Lobo, António Joaquim da Costa Pinho, Mário Gonçalves Andias e Dr. Jaime Luís Neves, médico na Província do Niassa (Moçambique); e as meninas Ana Lúcia Tavares de Sá, filha do sr. Raul de Sá Seixas, Maria José, filha do sr. Rui Torres Villas, e Maria Manuela Morgado da Silva Avelino, filha do sr. Tenente João da Silva Avelino.

Em 25 — A sr.ª D. Virgínia de Melo Campos Trindade Silva, esposa do sr. Tenente Luís Eduardo Trindade Silva; e a menina Zèzinha Justiça, filha do sr. José da Silva Justiça, aveirenses ausentes em Nova Lisboa (Angola).

NASCIMENTO

No dia 6 do mês em curso, nasceu uma filhinha ao casal da sr.ª D. Maria Isabel Vinagre Cordeiro e do sr. Domingos de Jesus Cordeiro, aveirenses residentes em Joanesburgo (África do Sul).

A menina foi dado o nome de Elisabeth.

Os nossos parabéns

D. Maria do Carmo Mieiro e sua filha Maria Rosa

No dia 27 do corrente, completa-se um ano sobre o trágico desastre que vitimou a bondosíssima D. Maria do Carmo da Maia Pinho Mieiro, esposa amantíssima do nosso bom amigo sr. Ricardo do Nascimento Mieiro, e a filha do casal, menina Maria Rosa de Pinho Mieiro.

No próximo sábado, 26, pelas 19 horas, será celebrada, na paroquial da Vera-Cruz, missa de sufrágio pelas inditosas vítimas do acidente, de que a cidade ainda conserva dolorosíssima memória.

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 19 — às 21.30 horas

Terra dos Faraós um filme com Jack Hawkins, Jean Collins e Dewey Martin.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 20 — às 15.30 e às 21.30 h.

A Grande Aventura de Scaramouche — com Gerand Barray, Michele Girardot e Yvette Lebon.

Para maiores de 12 anos.

Segunda-feira, 21 — às 15.30 horas

O Rato Aventureiro — uma divertida película italiana.

Para maiores de 6 anos.

Terça-feira, 22 — às 21.30 horas

Bufalo Bill — um filme de aventuras, com Gordon Scott, Catherine Ribeiro e Jan Hendriks.

Para maiores de 12 anos.

Quinta feira, 24 — às 21.30 horas

Os Noivos de Minhas Filhas — um filme mexicano, com Julio Aleman, Oliver Mejia e Patricia Conde.

Para maiores de 12 anos.

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

Relatório, Balanço e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal

GERÊNCIA DE 1965

Senhores Accionistas:

Submetemos à apreciação de V. Ex.as o relatório, balanço e contas referentes ao exercício de 1965.

Os lucros líquidos totalizam a importância de Esc. 1.606.383$66.

Propomos que tenham a seguinte aplicação:

10 % para o fundo de reserva legal	*Esc.*	*160.639$40*
para dividendo, cativo de imposto	*Esc.*	*600.000$00*
para cumprimento dos encargos previstos no artigo 20.º dos estatutos	*Esc.*	*139.678$50*
para reforço do fundo de reserva legal	*Esc.*	*139.361$60*
para reforço de outros fundos de reserva	*Esc.*	*200.000$00*
para reforço de provisões diversas	*Esc.*	*74 914$79*
para conta nova	*Esc.*	*291.790$37*
Total	*Esc.*	*1.606.383$66*

Agradecemos ao nosso Conselho Fiscal o apoio e colaboração que nos prestou durante o ano. Também registamos, com muito agrado e reconhecimento, o zelo manifestado por todo o pessoal do Banco no desempenho das suas funções.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1965

A Direcção,

aa) *Alfredo Esteves*
Egas da Silva Salgueiro
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1965

ACTIVO

Disponível e Realizável			
Caixa e Depósitos no Banco de Portugal	10.084.138$82		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	653 951$41		
Promissórias de Fomento Nacional	2.000.000$00	12.738.090$23	
Carteira de Títulos e Cupões	4.336.306$00		
Carteira Comercial	51 777 563$71		
Correspondentes no País	3.905 991$70		
Empréstimo e Contas Correntes Caucionadas	23.045.776$78		
Devedores e Credores	20.773.052$95	103.838.691$14	116.576.781$37
Imobilizado			
Participações Financeiras		54.000$00	
Imóveis	1.611.737$48		
Amortização (a deduzir)	1.065.055$08	546.682$40	
Imobilizações diversas		50$00	600.732$40
			117.177.513$77
Contas de Ordem			
Valores de Conta Alheia		8.018.206$90	
Valores Recebidos em Caução		12.853.510$60	
Devedores por Garantia e Avales Prestados		18.854 551$10	
Outras Contas de Ordem		6.034.612$30	45.770.880$90
TOTAL			162.948.394$67

PASSIVO

Exigível			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	32.562 33~$32		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	48.362.041$01	80.924.379$33	
Cheques e Ordens a Pagar	166.004$50		
Exigibilidades Diversas	98 721$56		
Correspondentes no País	7.242.516$50		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas	1.797.406$71		
Devedores e Credores	6 067 016$30	15.371.665$57	96.296.044$90
Não Exigível			
Contas Diversas e Provisões			675.085$21
Capital e Reservas			
Capital		10.000.000$00	
Fundo de Reserva Legal		4.400.000$00	
Outros Fundos de Reserva		4.200.000$00	18.600 000$00
Resultados			
Lucros e Perdas			1.606.383$66
			117.177.513$77
Contas de Ordem			
Credores por Valores de Conta Alheia		8.018.206$90	
Credores por Valores Recebidos em Caução		12.853 510$60	
Garantias e Avales Prestados		18.864.551$10	
Outras Contas de Ordem		6.034.612$30	45»770 880$90
TOTAL			162.948.394$67

Aveiro, 31 de Dezembro de 1965.

O Guarda-Livros,

a) *Carlos Vicente Ferreira*

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

A Direcção,

aa) *Alfredo Esteves*
Egas da Silva Salgueiro
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

CONTA DE LUCROS E PERDAS

CRÉDITO

Saldo do exercício anterior		259.381$50
Juros e comissões a nosso favor	4.693.551$03	
Resultados em operações cambiais e sobre títulos de crédito	36.000$00	
Rendimentos de títulos de crédito	160.906$25	
Outros rendimentos, receitas e lucros	904.050$40	5.794.507$68
		6.053.889$18

DÉBITO

Juros e comissões a nosso cargo	2.447.796$32	
Contribuições e impostos	450 247$00	
Despesas com o pessoal	1.314 541$60	
Despesas gerais	233.922$30	
Encargos diversos	998$30	4.447.505$52
Saldo		1.606.383$66
		6.053.889$18

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Dando cumprimento ao determinado na lei e nos nossos Estatutos, este Conselho Fiscal, por ter acompanhado a marcha dos negócios do Banco e verificando que tudo está em conformidade e devidamente documentado, dá a sua aprovação ao Relatório e Contas da Direcção, respeitante ao ano transacto, propondo:

1.º — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas da Direcção;

2.º — Que seja, igualmente, aprovada a proposta para a aplicação do saldo de Lucros e Perdas;

3.º — Que se louve a Direcção pela sua criteriosa administração, louvor que devereis tornar extensivo a todo o pessoal pela sua dedicação e cooperação.

Aveiro, 5 de Janeiro de 1966

O Conselho Fiscal,

a) *Alberto Casimiro Ferreira da Silva*
António Luís Morais da Cunha
Orlando Moreira Trindade

Continuação da última página

Beira-Mar — Leixões

roso nas entregas, com manifesta vantagem para os visitantes.

Os dianteiros, batalhadores e incisivos, conquanto também algo trapalhões, claudicaram na finalização — assim se explicando a exiguidade do *score* da primeira parte, um resultado inexpressivo em função das oportunidades forjadas. Os atacantes auri-negros, de forma deveras apavorante, evidenciaram enorme receio de finalizarem os seus bem urdidos lances ofensivos — gorando soberanos ensejos de resolverem, totalmente, a sorte do desafio.

Já no segundo período, à passagem da hora jogada, surgiu o amplamente esperado terceiro golo do Beira-Mar, parecendo que tudo ficava resolvido. A vantagem deu ao *team* de Aveiro certo descanso, de que veio a derivar alguma displicência, em resultado da quebra física de elementos até aí preponderantes. Deixando de jogar para o resultado, como que aguardando que os golos viessem a surgir sem que os procurassem denodadamente, os aveirenses desuniram-se e consentiram que os matosinhenses se empregassem com mais denodo, e, em consequência da sua enérgica e voluntariosa aplicação, reduzissem os números para uma tangencial desvantagem, num autêntico «brinde» do seu *sttoper*.

De confiantes e seguros de si próprios, os locais passaram a viver intranquilos e perturbados, já que os homens do Leixões, então, resolveram tentar tudo por tudo para chegar ao empate, fugindo à derrota. Era tarde, porém, e o Beira-Mar apenas sentiu como que um susto... já que teve o talento necessário para de novo voltar a ser incisivo e acutilante na ofensiva, embora já sem a frescura e a clarividência anteriormente evidenciadas.

Concluindo, temos que o Beira-Mar foi um triunfador justíssimo e inquestionável, num prélio de muito interesse em que apenas não achamos certa a reduzida e tangencial vantagem obtida pela equipa: mais um ou dois golos de diferença espelhavam melhor a verdade do desafio.

O bloco defensivo do Beira-Mar cumpriu, sabendo impor-se aos dianteiros contrários: Marçal — figura número um do jogo — teve actuação deveras notável e brilhante. A meio-campo, Brandão e Abdul jogaram bem, conquanto o moçambicano haja sido, por vezes, lento e moroso nas entregas de bola. O «quatro» atacante foi esforçado, combativo e empreendedor, merecendo Gaio e Diego melhores notas que os extremos destes, Azevedo acusou pouca «rodagem» mas foi deveras útil, enquanto durou fisicamente, e Nartanga, irrequieto, foi, porém, desastrado na finalização.

Entre os leixonenses, o brasileiro Béné, Rosas, Moreira e Manuel Duarte foram elementos em evidência.

O trabalho do árbitro Aníbal de Oliveira, com pequenas falhas que nada influiram no resultado, merece boa nota: o juiz lisboeta, bem coadjuvado, soube ser autoritário e segurar o jogo, destrinçando perfeitamente os lances susceptíveis de gerar complicações ou casos duvidosos.

Litoral — 19-Fevereiro-966
Ano XII — Número 589

SUMÁRIO DISTRITAL

PROVAS DA A. F. A.

I DIVISÃO

RESULTADOS DA 21.ª JORNADA:

Esmoriz — Cucujães	4-1
Recreio — Valecambrense	2-1
Anadia — Paços de Brandão	2-2
Estarreja — Feirense	1-4
S. João de Ver — Bustelo	4-2
Arrifanense — Oliveira do Bairro	3-0
Alba — Valonguense	8-1

Classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas		P.
FEIRENSE	21	18	3	0	67	17	60
Recreio	21	14	4	3	40	23	53
Alba	21	14	3	4	54	25	52
Esmoriz	21	14	3	4	43	29	52
P. Brandão	21	11	4	6	34	26	47
O. do Bairro	21	9	1	11	37	40	40
Valecam. (x)	21	10	0	11	51	39	40
Cucujães	21	5	7	9	34	42	38
S. João Ver	21	6	5	10	29	38	38
Arrifanen. (x)	21	6	5	10	35	47	37
Anadia	21	4	6	11	31	45	35
Estarreja	21	2	9	10	20	41	34
Bustelo	21	3	5	13	26	46	32
Valonguense	21	2	3	16	17	60	28

(x) Têm uma falta de comparência.

JOGOS PARA AMANHÃ:

Valecambrense — Cucujães (5-0)
Paços de Brandão — Recreio (0-1)
Feirense — Anadia (2-1)
Bustelo — Estarreja (1-1)
Ol. do Bairro — S. João de Ver (1-3)
Valonguense — Arrifanense (1-4)
Alba — Esmoriz (1-0)

RESERVAS

Na primeira «mão» da final do torneio, a Sanjoanense derrotou expresivamente o Valecambrense, por 9-0, mesmo em Vale de Cambra.

Hoje, em S. João da Madeira, os dois grupos voltam a defrontar-se, bastando um empate aos sanjoanenses para ficarem campeões.

JUNIORES

— Em Albergaria-a-Velha, no último domingo, realizou-se a primeira jornada da «poule» final da prova regional de juniores, concluindo os desafios desta forma:

Sanjoanense — Recreio	1-0
Anadia — Espinho	2-0

Deste modo, o título será decidido, amanhã, entre Sanjoanense e Anadia, enquanto Recreio e Espinho disputam o terceiro lugar. A jornada também foi marcada para Albergaria-a-Velha, com início às 9 horas da manhã.

— Num jogo em atraso, da «poule» de apuramento, registou-se este resultado:

Mealhada — Estarreja	8-1

JUVENIS

Fase final — 4.ª jornada:

Recreio — Anadia	1-0
Beira-Mar — Sanjoanense	2-0
Espinho — Ovarense	1-1

Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas		P.
Beira-Mar	4	3	1	0	10	1	11
Sanjoanense	4	3	0	1	6	3	10
Espinho	4	1	2	1	4	4	8
Recreio	4	2	0	2	3	10	8
Ovarense	4	1	1	2	6	4	7
Anadia	4	0	0	4	0	7	4

JOGOS PARA AMANHÃ:

Ovarense — Recreio
Anadia — Beira-Mar
Sanjoanense — Espinho

Beira-Mar, 2
Sanjoanense, 0

Jogo em Aveiro, sob arbitragem do sr. Francisco Costa, apresentando-se as equipas assim formadas:

BEIRA-MAR — Bertino; Castro, Mónica e Isaías; «Joca» e Artur Jorge; Franklim, Soares, Ernesto, Madail e Rui.

SANJOANENSE — Resende; Queirós, Reis e Serafim; José Maria e Barata; Fonseca, Quim, Gabriel, Eduardo e Correia.

O *score* final não traduz a superioridade técnica e o intenso domínio territorial dos beiramarenses, que, mesmo sem atingirem o seu melhor, jamais sentiram dificuldades. Sòmente os golos não surgiram em paralelo com o ascendente dos locais — mas cabe fazer aqui uma referência de elogio aos defensores visitantes, sobretudo ao seu valoroso *keeper*, que em muito contribuiram para que os números não subissem, isto para além do autêntico festival de perdidas dos aveirenses.

«JOCA», aos 35 m., e ERNESTO, aos 58 m., foram os autores dos tentos.

Arbitragem sem problemas, mas prejudicada pelo péssimo trabalho dos «bandeirinhas» (especialmente o que actuou do lado da bancada).

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 25 DO TOTOBOLA ★

27 de Fevereiro de 1966

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Guimar. - Leixões	1		
2	Barreir. - Benfica			2
3	Beira-Mar - Braga	1		
4	Sporting - Setúbal	1		
5	Lusitano - Belenen.	1		
6	Varzim - Académic.			2
7	Porto - C. U. F.	1		
8	Penafiel - Boavista	1		
9	U. Tomar - Salguei.		x	
10	Peniche - Oliveiren.	1		
11	Sintrense - Olhane.	1		
12	Oriental - Leões	1		
13	Beja - C. Piedade	1		

Secção dirigida por António Leopoldo

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

RESULTADOS DA 19.ª JORNADA:

GUIMARÃES — BARREIRENSE	3-2
BEIRA-MAR — LEIXÕES	3-2
SPORTING — BENFICA	0-2
LUSITANO — BRAGA	6-1
VARZIM — SETÚBAL	1-1
PORTO — BELENENSES	1-0
C. U. F. — ACADÉMICA	1-1

TABELA CLASSIFICATIVA:

	J	V	E	D	Bolas	P
Sporting	19	14	3	2	54-17	31
Benfica	19	13	4	2	51-23	30
Guimarães	19	11	4	4	45-33	26
Porto	19	9	6	4	28-20	24
Varzim	19	6	7	6	32-29	19
Setúbal	19	6	7	6	29-27	19
Belenenses	19	7	4	8	18-19	18
Académica	19	5	7	7	39-36	17
Braga	19	6	5	8	29-45	17
Cuf	19	5	6	8	22-34	16
BEIRA-MAR	19	5	5	9	23-40	15
Lusitano	19	3	6	10	22-42	12
Barreirense	19	5	2	12	25-40	12
Leixões	19	3	4	12	21-33	10

JOGOS PARA AMANHÃ:

C. U. F. — GUIMARÃES (0-3)
LEIXÕES — BARREIRENSE (4-0)
BENFICA — BEIRA-MAR (1-1)
ACADÉMICA — PORTO (3-4)
BELENENSES — VARZIM (1-1)
BRAGA — SPORTING (0-5)
SETÚBAL — LUSITANO (5-0)

O clássico «derby» lisboeta proporcionou o primeiro insucesso do «leader» no seu próprio recinto, dando ensejo a que os benfiquistas recobrassem novo alento na luta para o título, ameaçando de mais perto a invejável posição ocupada pelos sportinguistas. Este encontro dominava a jornada e o próprio interesse futuro do torneio, concernentemente ao problema do ceptro de campeão. E, indubitàvelmente, o êxito do Benfica veio possibilitar novas ondas de emoção, interesse, dúvida e expectativa às subsequentes jornadas.

No não menos emotivo e importante campeonato dos últimos — *os alentejanos evidenciaram-se, mercê de robusto «score» sobre os arsenalistas minhotos. O Beira-Mar arrecadou precioso êxito, afastando-se do lote dos grupos mais aflitos, enquanto o Leixões (batido justamente pelos beiramarenses) ficou de novo sem companhia no último posto. O Barreirense lutou esforçadamente em Guimarães, donde veio derrotado à tangente, e depois de duas vezes ter tido vantagem nos números...*

Anotemos, também, que a C. U. F. cedeu novo empate em casa, agora ante a Académica, ficando em posição pouco consentânea com os seus pergaminhos europeus... A turma fabril encontra-se até a um ligeiro passo da zona indesejável...

Falta ùnicamente falar de dois desafios de domingo findo: na Póvoa, o Varzim repetiu com o Setúbal a igualdade a um golo da primeira volta, um tanto surpreendentemente, pois seria natural um triunfo do grupo poveiro — agora o único que não perdeu ante o seu público; e, nas Antas, o Porto logrou um solitário golo, nascido de «penalty», diante do Belenenses, ao fim de uma partida de reduzido interesse e de futebol que não atingiu o nível de agrado.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

RESULTADOS DA 19.ª JORNADA:

ESPINHO — BOAVISTA	1-0
SANJOANENSE — SALGUEIROS	1-1
OVARENSE — LAMAS	0-0
PENICHE — FAMALICÃO	1-1
COVILHÃ — MARINHENSE (a)	1-0
PENAFIEL — UNIÃO DE TOMAR	5-2
LEÇA — OLIVEIRENSE	3-1

(a) — Jogo interrompido

CLASSIFICAÇÃO:

	J	V	E	D	Bolas	P
Sanjoanense	19	12	3	4	46-15	27
Covilhã	18	8	5	5	27-29	21
Penafiel	19	9	3	7	35-23	21
Salgueiros	19	7	7	5	28-19	21
Leça	19	8	4	7	31-27	20
U. de Tomar	19	7	6	6	29-39	20
Lamas	19	7	5	7	27-26	19
Ovarense	19	8	3	8	21-28	19
Marinhense	18	7	3	8	32-30	17
Peniche	19	5	6	8	17-23	16
Oliveirense	19	7	2	10	24-31	16
Espinho	19	6	4	9	18-25	16
Famalicão	19	7	2	10	24-36	16
Boavista	19	4	7	8	24-32	15

JOGOS PARA AMANHÃ:

BOAVISTA — UNIÃO DE TOMAR (2-2)
SALGUEIROS — ESPINHO (1-3)
FAMALICÃO — SANJOANENSE (1-7)
MARINHENSE — PENICHE (2-3)
OLIVEIRENSE — COVILHÃ (1-2)
LAMAS — LEÇA (3-1)
OVARENSE — PENAFIEL (2-1)

DE CÁ PARA LÁ

POR JOAQUIM DUARTE

Prometido é devido, e embora tardiamente aqui estou de novo, dizendo-vos do muito que se vem fazendo no vosso distrito.

É evidente que, antes de mais, no aspecto de competição, a viagem do Beira-Mar através das terras do futebol maior atrai todas as atenções. Mas não devemos esquecer que as actividades do dia-a-dia não se limitam apenas ao futebol. O desporto da bola ao cesto, por exemplo, também tem os seus prosélitos, movimentando uma grande camada de jovens, que, só há pouco, deixaram as competições regionais, para prosseguirem nas provas federativas. O Clube dos Galitos e o Illiabum Clube são os representantes mais credenciados sem esquecermos c contributo sempre pronto do Sangalhos, da Sanjoanense, do Esgueira, do Amoníaco de Estarreja, do Colégio da Mealhada e do Asilo, este numa presença enternecedora, mas nem por isso menos valorosa. No desporto feminino, as voleibolistas de Espinho não desarmam, quer representando o Sporting, quer exibindo a cor negra da Académica. Do mesmo modo, a Sanjoanense aí está, simpática, no basquetebol, fazendo-se representar com um punhado de moças, misto de habilidade e de graça. O Remo, esse virá a seu tempo, que os Jogos Luso-Brasileiros não o dispensam, como não prescindem da presença briosa e altaneira do Clube dos Galitos, em tão brilhante quão valioso certame. Claro que o Sporting Clube de Aveiro continuará a manter, louvàvelmente, o fogo sagrado da primária ginástica. Outras actividades ou estão ou se aprestam para entrarem na liça, nomeadamente o Andebol e o Ciclismo, onde o Sangalhos de ricas tradições e a Ovarense, cheia de prestígio, voltarão a representar a Associação de Aveiro em todas as terras do País, por onde venha a passar uma corrida de bicicletas. Porém, é inegável que o Futebol, como aliás, em quase todo o mundo, é rei e senhor.

Veja-se, por exemplo, a magnífica arrancada das equipas do distrito na 2.ª Divisão Nacional, com a valorosa Sanjoanense a trabalhar para surgir, triunfalmente, no seio dos maiores, onde o Beira-Mar consolida cada vez mais a sua posição. A propósito, e eu sei quantas alegrias vos terá dado o triunfo de domingo passado, podeis confiar no valor dos rapazes da camisola auri-negra. A determinação e o muito saber que vêm alardeando ao longo da época, não obstante alguns desaires quase incríveis, garantem um fim de prova airoso e tranquilizante para os pupilos de Artur Quaresma, portanto para todos os aveirenses.

Queremos ainda referir a presença do Beira-Mar com a sua equipa de futebol senior na Taça de Portugal. Sabe-se, pelo sorteio já efectuado, que o campeão de Angola, o valoroso Atlético Sport Aviação será o futuro adversário dos aveirenses. Contudo, segundo notícias que nos chegam de Luanda, a presença do simpático ASA está algo comprometida. Angola exige reciprocidade. Não deseja aceitar por mais tempo a realização dos dois jogos na Metrópole. Quer assistir, e tem todo o direito, a futebol ao nível federativo; e quer, sobretudo, que o seu representante se situe em plano de igualdade. Jogo cá, jogo lá.

Consideramos certíssima esta atitude da Associação Provincial de Futebol de Angola, presidida pela excelsa figura do futebol, que é o Eng.º Pompílio da Cruz. Oxalá ela seja devidamente compreendida pelos dirigentes do futebol nacional. O Beira-Mar, ao que sabemos, teria o maior prazer em levar a Angola mais um abraço de confraternização para os desportistas dessa maravilhosa e inolvidável terra portuguesa, que conta no seu seio um núcleo de aveirenses pronto a receber com lágrimas de incontida alegria a embaixada amarela negra ou negro amarela, se preferirem.

Nós temos esperança de que tal venha a acontecer e o voto do *Litoral* aqui fica.

BEIRA-MAR, 3 — LEIXÕES, 2

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Aníbal de Oliveira, coadjuvado pelos srs. Fernando Campos (bancada) e Rogério Crespo (peão) — todos da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas apresentaram-se assim formadas:

BEIRA-MAR — Vitor; João da Costa, Evaristo e Pinho; Brandão e Marçal; Nartanga, Diego, Gaio, Abdul e Azevedo.

LEIXÕES — Rosas; Rocha, Moreira e Raul; Nicolau II e Pereira; Béné, Wagner, Oliveira, Manuel Duarte e Esteves.

1-0 — Aos 23 m., na sequência de um pontapé de canto apontado por Abdul, no lado direito, gerou-se confusão junto das balizas de Rosas, surgindo DIEGO, de cabeça, a pôr termo ao lance, anichando a bola nas malhas.

1-1 — Aos 25 m., pràticamente na resposta, e também no desenvolvimento de um *corner* contra os beiramarenses, BENÉ rematou vitoriosamente, em recarga, após alívio deficiente da defesa local.

2-1 — Aos 30 m., em combinação com Diego, numa «tabelinha» que confundiu os *backs* matosinhenses, GAIO isolou-se muito bem, descaindo para a esquerda, atirando depois, sem defesa possível para Rosas.

3-1 — Aos 59 m., já depois dos matosinhenses terem conjurado o perigo derivado de novo pontapé de canto, Marçal apossou-se da bola e correu uns metros, lançando magnificamente AZEVEDO — na faixa central do terreno. Este, rematando de pronto, tornou infrutífera a estirada de Rosas.

3-2 — Aos 68 m., quando tentava efectuar um corte de jogo, em bolpe de cabeça, Evaristo colocou a bola ao alcance de MANUEL DUARTE, sobre a quina da grande área. Aproveitando àvidamente a inesperada «oferta», o matosinhense disparou de pronto, a meia-altura, surpreendendo Vitor.

Sabia-se, antecipadamente, que o desafio de Aveiro iria ser disputadíssimo, porquanto ambos os contendores necessitavam de pontos para melhorar as respectivas posições na tabela classificativa.

A expectativa não foi iludida: o Beira-Mar — para quem um triunfo seria sinónimo de maior tranquilidade nos futuros encontros, por ficar mais afastado do espectro dos últimos lugares — e o Leixões — para quem não perder representaria excelente tónico na luta pela sobrevivência no torneio máximo — bateram-se com ânimo e entusiasmo desbordantes, que muito valorizaram o prélio, um autêntico «jogo-chave» para a ordenação final dos grupos da cauda da tabela.

Tanto, porém, não bastou para que possamos conceder boa nota ao *associatión* exibido. A qualidade do futebol, de facto, foi prejudicada, tanto pelo clima emocional em que o prélio se desenrolou, como pelo estado do terreno, bastante enlameado, criando dificuldades sem conta a todos os jogadores e deles exigindo esforços e cautelas redobrados.

Pressentindo que, por banda dos beiramarenses, a palavra de ordem era o ataque, o Leixões entrou a jogar num «ferrolho» rígido, bastante exagerado mesmo, em que alguns dos seus elementos se faziam notar por alguma rudeza. Intentavam os matosinhenses, deste jeito, perturbar os seus antagonistas, atraindo-os para uma toada atacante cansativa (por infrutífera), e que, porventura, em esporádico lance de contra-ataque, lhes rendesse um golo — vantagem que, a seguir, maior alento e maior afinco lhes daria para continuarem a guardar o seu último reduto.

Os leixonenses, contudo, e talvez intencionalmente, davam a impressão de que não acreditavam muito nas suas possibilidades de êxito, aventurando-se poucas vezes para além do seu meio-campo...

A seu turno, os aveirenses, não se fazendo rogados ante os trunfos que o adversário lhes concedia, cumpriram a sua missão, corporizando à maravilha a palavra de ordem com que se apresentaram no rectângulo: atacaram, perfiadamente, diciplinadamente — com confiança, mas sem grandes pressas e sem se pertubarem com a verdadeira «floresta humana» postada na grande-área matosinhense.

Com perfeito, completo e notável domínio sobre os elementos que o Leixões mantinha adiantados (Manuel Duarte, Esteves e Oliveira), mercê da fulgurante actuação de Marçal, o Beira-Mar teve, igualmente, total preponderância no «miolo do campo» — onde Brandão foi incansável e onde Abdul, primoroso a trabalhar o esférico, foi, no entanto, algo mo-

Continua na página 7

Deste lance resultou o primeiro golo do Beira-Mar, no jogo com o Leixões: a bola, que vem no ar, não será afastada convenientemente por Rosas, possibilitando que o argentino Diego a faça entrar na baliza.

Foto de Adriano Pires

Basquetebol

CAMPEONATO NACIONAL DA I DIVISÃO

Resultados de 6.ª jornada:

PORTO — GALITOS	65-26
INVICTA — VASCO DA GAMA	42-51
ACADÉMICA — ILLIABUM	68-21
SP. FIGUEIRENSE — MARINHEN.	57-17

Jogo em atraso (3.ª jornada):

MARINHENSE — GALITOS	30-35

Classificação geral:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
V. da Gama	6	5	1	341-231	11
Invicta	6	5	1	348-239	11
Académica	6	5	1	330-224	11
Porto	6	4	2	321-227	10
GALITOS	6	3	3	226-259	9
ILLIABUM	6	1	5	227-236	7
Sp. Figueir.	6	1	5	214-287	7
Marinhense	6	—	6	148-334	6

Jogos para hoje à noite:

MARINHENSE — INVICTA
VASCO DA GAMA — PORTO
GALITOS — ACADÉMICA
ILLIABUM — SP. MARINHENSE

II DIVISÃO

Resultados da 6.ª jornada:

CALDAS — NAVAL	34-54
LEÇA — GUIFÕES	52-30
ESGUEIRA — C. D. U. P.	33-31
OLIVAIS — SANGALHOS	44-57
EDUCAÇÃO FISICA—FLUVIAL	(adiado)
SANJOANENSE — GINASIO	52-45

Jogos da 7.ª jornada:

GUIFÕES — ESGUEIRA
NAVAL — LEÇA
C. D. U. P. — CALDAS
FLUVIAL — OLIVAIS
SANGALHOS — SANJOANENSE
GINASIO — EDUCAÇÃO FISICA

JUNIORES

Zona Norte — B

2.ª jornada:

ILLIABUM — NAVAL	61-34

JUVENIS

Zona Norte — B

2.ª jornada:

ILLIABUM — OLIVAIS	55-24

PROVAS DA F. N. A. T.

— Resultados dos encontros já realizados:

9 de Fevereiro

CELULOSE — FABRICA ALELUIA	41-17

12 de Fevereiro

CELULOSE — SACHS	20-21

— Hoje, o torneio prossegue com o desafio

FABRICA ALELUIA — SACHS

Ex.mo Sr. 1-820
João Sarabando
AVEIRO